

“SER CRIANÇA ERA MOLEZA”: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ADOLESCENTE EM “ADEUS CONTO DE FADAS”, DE LEONARDO BRASILIENSE

Francisco Vieira da Silva¹
Ananias Agostinho da Silva²

RESUMO: Este ensaio analisa a constituição do sujeito adolescente em microcontos publicados na coletânea “Adeus conto de fadas”, do escritor gaúcho Leonardo Brasiliense. Tomamos como aparato teórico as reflexões de Foucault a respeito do sujeito, do discurso, do saber e do poder, as quais estarão sensíveis às especificidades do texto literário, sobre o qual lançamos o nosso olhar analítico.

PALAVRAS-CHAVE: sujeito; adolescente; microconto; leonardo brasiliense.

ABSTRACT: This essay analyzes the constitution of the subject teenager in microcontos published in the collection "Adeus conto de fadas", the writer Leonardo Brasiliense. We take as theoretical apparatus Foucault's reflections on the subject, discourse, knowledge and power, which are sensitive to the specificities of the literary text on which we launched our analytical gaze.

KEYWORDS: subject; teenager; microconto; Leonardo Brasiliense.

No premiado livro “Adeus conto de fadas”³ (2007), o escritor gaúcho Leonardo Brasiliense compila uma série de minicontos, nos quais se pode observar diferentes modos de constituição do sujeito adolescente, uma vez que mimetiza agruras e idiosincrasias inerentes aos adolescentes, dando a voz a estes sujeitos, fazendo com que falem de si, confessem suas inquietações e dilemas. O autor, ao optar pelo miniconto/microconto, acaba por se inserir no interior de uma profícua produção literária que lança luzes sobre um novo modo de construção estética: a narrativa curta. Diversos escritores contemporâneos, cujo precursor recobre a figura do curitibano Dalton Trevisan, têm dado enfoque a textos de curta duração, mas, de impacto considerável, em função, por exemplo, dos respingos avindos da literatura produzida nos meios digitais (SPALDING, 2012).

No caso da obra de Leonardo Brasiliense, os minicontos servem aos mais diferentes propósitos, na tessitura enunciativa que os constitui: incitar uma dada reflexão acerca da condição

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor substituto do Departamento de Letras, do *Campus* Avançado de Patu (CAP), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: franciscovieirariacho@hotmail.com.

² Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor substituto do Departamento de Letras, do *Campus* Avançado de Patu (CAP), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: ananiasgpet@yahoo.com.br.

³ “Adeus contos de fada” foi agraciado com os prêmios Jabuti 2007 na categoria juvenil. Além disso, foi escolhido como o Livro do Ano, pela Associação Gaúcha de Escritores, e ganhou o prêmio Açorianos, pela Secretaria de Cultura de Porto Alegre.

do adolescente, provocar o riso, subverter determinados padrões socialmente assentados, dentre outros objetivos, ao entendermos, na esteira de Foucault (2006a), que a obra literária não pode se fechar em si mesma, mas relacionar-se de modo vertiginoso com as condições históricas e sociais. Ao pensarmos a partir de Foucault (2010), nas regularidades enunciativas que presidem todo discurso, é possível elencar algumas recorrências, as quais estão diluídas na dispersão discursiva da obra. Nesse sentido, levando em consideração os aspectos antes discutidos, este ensaio visa, a partir da análise de alguns excertos da obra de Leonardo Brasiliense, analisar os modos de constituição do sujeito adolescente. A unidade da obra, de que fala Foucault (2010), é utilizada como expressão do pensamento, da experiência em função das determinações históricas a que o autor está condicionado. As atuais representações acerca da adolescência são capitalizadas na escrita de Leonardo Brasiliense, conforme demonstraremos a seguir. Para este ensaio, tomamos como aparato teórico as reflexões teóricas de Foucault a respeito do sujeito, do discurso, do saber e do poder, as quais estarão sensíveis às especificidades do texto literário, sobre o qual lançamos o nosso olhar analítico.

Voltando o foco para a constituição do microconto, convém citarmos Paulino (2001), quando define esse gênero como “um tipo de narrativa que tenta a economia máxima de recursos para obter também o máximo de expressividade, o que resulta num impacto instantâneo do leitor” (p.137). Nesse sentido, os microcontos visam provocar uma atitude mais ativa do leitor na recepção do texto, tendo em vista a rapidez com que os acontecimentos narrativos são efetivados. Ao historicizar a tendência em produzir microcontos, Spalding (2014) reporta-nos ao minimalismo, movimento artístico caracterizado pela extrema simplicidade do ponto de vista da forma, que, nos anos de 1960, ganhou ímpeto em Nova York, por meio das artes visuais, espalhando-se pelo mundo e afetando outras esferas da atividade humana.

Ao entendermos o miniconto na perspectiva de Spalding (2014), é necessário identificar nesse gênero aspectos deflagradores de uma dada narratividade. De acordo com esse autor, ao compreendermos o miniconto como uma miniatura do conto, vale rastrear, no cerne da brevidade que o constitui, a contação de uma história. Com efeito, a partir dessa economia de palavras, dessa concisão constitutiva, é possível observar a sucessão de fatos, logicamente estruturados. Sob essa perspectiva, no miniconto *Fugindo*, presente na coletânea “Adeus conto de fadas”, identifica-se uma sucessão de fatos ancorada nas transformações físicas sofridas pelo corpo do sujeito adolescente. Eis o miniconto: “Ele evitava as pessoas. Respondia com gestos monossilábicos. Tinha vergonha. Enfim, calou-se por meses. E quando a voz finalmente engrossou, não sabia mais conversar”. (BRASILIANSE, 2007, p. 36).

A espera pela voz desejada é o aspecto que alinhava as demais ações do miniconto: a fuga, as poucas palavras, o silêncio. Essa relação umbilical do sujeito com a voz (cf. PIOVEZANI, 2015), mais especialmente a um ideário de voz a ser alcançado, a partir de transformações orgânico-biológicas, acaba por demarcar a constituição de um sujeito paciente, que volve um olhar meticuloso sobre si (FOUCAULT, 2006b), com vistas a moderar-se em função de um momento em que, finalmente, poderá falar livremente, sem sanções e/ou impedimentos de qualquer ordem, advindos, por exemplo, de uma voz indesejável, feminina. Toda essa espera é capitalizada na narrativa breve do miniconto, de modo a corroborar, na percepção de Cortázar (1993), que o tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal.

Convém pensarmos, na tessitura do texto literário, que a adolescência se constitui numa etapa da vida na qual os sujeitos passam por diferentes transformações, sejam elas orgânico-físicas e/ou psicológicas. Trata-se de um momento de passagem da infância para a vida adulta e a ambivalência daí decorrente atordoa os adolescentes que querem se descobrir, encontrar-se e desvelar suas identidades e subjetividades. Além disso, é premente que se redimensione o conceito de adolescência, haja vista a necessidade de não concebê-lo apenas sob as lentes das ciências biológicas, mas sim de encará-lo como uma construção que envolve elementos culturais, sociais e discursivos.

Nesse ínterim, o corpo do sujeito adolescente, materializado na escrita de Brasiliense, será aqui concebido como um corpo revestido de história (COURTINE, 2013), um corpo como unidade discursiva, produzido por saberes, práticas e discursos. Sobre o corpo do adolescente se endereça uma série de práticas, conforme se pode verificar no miniconto intitulado *Coisas da idade*: “E lá em casa ninguém acredita que o meu banho demora mais de meia hora porque eu aproveito a pela amaciada para espremer as espinhas” (BRASILIANSE, 2007, p.28). Se considerarmos a higiene pessoal num viés histórico (VIGARELLO, 19N, 1996; CORBIN, 2010) como uma prática de si, é indiscutível pensarmos no caráter evasivo dado pela justificativa do sujeito adolescente, quando tenta se esquivar do fato de que poderia utilizar esse tempo do banho para relacionar-se com sua sexualidade, através de práticas, tidas como constrangedoras, como a masturbação (FOUCAULT, 2005). No título do miniconto, o termo “coisas da idade” aponta para duas direções: as espinhas utilizadas como justificativa pelo adolescente para convencer a família a respeito de sua demora no banho, além da temida prática da masturbação, tida como certa pelos familiares, os quais não acreditam no subterfúgio adotado pelo adolescente.

Essas duas direções levam-nos ao corpo do adolescente, saturado de discursos que o insere em posicionamentos sociais como um corpo em desenvolvimento. As espinhas e a

descoberta da sexualidade parecem inculcar no sujeito os perigos de um corpo sobre o qual não se tem um pleno domínio. Esse corpo que ainda não possui uma forma definitiva constitui um espectro do qual esse sujeito não tem como fugir. Seguindo essa direção, em dois contos de “Adeus conto de fadas”, é possível flagrar práticas que levam o corpo a apresentar determinados aspectos os quais são irremediáveis para o sujeito adolescente. Eis os contos:

Amizade

O meu amigo Robertão é o cara. Traça todas, e tem respeito de todos. Andando com ele, fico garantido. Os piás não se metem comigo, e de vez em quando sobra uma gatinha. Robertão é um amigão. Não precisava era ter me batido daquele jeito só pra se exibir pras minas da oitava série. O médico disse que o meu olho esquerdo não vai funcionar nunca mais. Pô, Robertão, na próxima pega leve (BRASILIENSE, 2007, p.29).

Havia um gesso no meio do caminho

Enquanto estava no hospital, todo mundo escreveu no gesso. Deixaram-lhe recadinhos, desenharam caretas, assinaram com nomes e datas.

Ao tirar o gesso, os médicos deram a má notícia: o osso calcificou torto, e assim a perna ficará, para sempre, torta.

Seu consolo é que tem muitos amigos, embora eles andem todos, e, sempre, uns metros adiante (BRASILIENSE, 2007, p.41).

O que entrecorta ambos os minicontos é a constatação inequívoca de uma certa anormalidade corporal do sujeito adolescente: a perda da visão de um dos olhos, no primeiro miniconto, e a perna defeituosa, no segundo. Aliado a isso, acrescenta-se o modo como o narrador e o sujeito adolescente determinam a inaptidão desses órgãos. Há, nesse sentido, um certo fatalismo na enunciação desses discursos. Assim, o sujeito, do primeiro microconto, enfatiza que o olho esquerdo nunca mais funcionará, denotando, assim, o destino fatídico a que está condenado; de modo semelhante, o foco recai sobre o fato de a perna permanecer para sempre torta. Nos dois casos, cabe assinalar o *status* do sujeito que enuncia (FOUCAULT, 2010), cujo poder está articulado a um saber de ordem médica (FOUCAULT, 2001a). É justamente por meio desse saber (“o médico disse”, “os médicos deram a má notícia”) que o sujeito adolescente é constituído, no cerne da escrita literária, como sujeitos dotados de uma dada anormalidade, aqui concebida sob o olhar de Foucault (2001b), como atrelada ao saber de um exame médico-legal.

A anormalidade corporal encontra-se subsequente a toda uma situação de contentamento, nos dois minicontos. Assim, se no primeiro caso, essa situação está vinculada à pretensa amizade de Robertão, da qual o sujeito adolescente parece usufruir, pois essa relação lhe traz benefícios; no segundo caso, tem-se a solidariedade dos amigos, ao assinarem seus nomes no gesso. O

término dos dois contos desvela o sujeito marcado pela falta, tanto do ponto de vista físico-corporal, quanto psicológico.

Outros minicontos da obra de Leonardo Brasiliense vão sinalizar para determinados modos de constituição do sujeito adolescente. O miniconto *Política*, a seguir expresso, deflagra posicionamentos sociais que incidem sobre o sujeito adolescente. Vejamos:

Os adultos vivem dizendo que adolescente não gosta de política. Será que é questão de gosto? A gente aqui cheio de problemas, tentando levar a vida apesar do corpo que muda a cada dia, dos hormônios que nos empurram pra essa coisa complicada que é o sexo, desta porra de indefinição que não nos deixa à vontade em nenhuma tribo, que nos faz sentir deslocados até dentro de casa... e eles ainda querem que se pense no futuro do país! Será que são tão incompetentes que não dão conta do recado sozinhos? Afinal, estudaram tanto e “amadureceram” tanto pra quê? (BRASILIANSE, 2007, p.45).

O discurso do sujeito adolescente parece apontar para uma agrura que afeta todos os que se sentem impelidos a tomar uma dada posição política. Nesse sentido, o adolescente atribui aos adultos uma vontade de verdade que os interpela: os adolescentes não se interessam por política. Essa vontade de verdade constitui um chamamento para o engajamento juvenil, o qual é inserido numa posição de distanciamento do sujeito enunciativo. Para justificar a pouca afeição do adolescente pela política, ou mesmo questionar essa verdade, o sujeito não precisa de enumerar as idiossincrasias do período da adolescência: as transformações corporais, a descoberta da sexualidade, os problemas resultantes de determinados pertencimentos coletivos, a crise de identidade. Esses saberes, na concepção do adolescente que enuncia no miniconto, acabam por ocupar todo o tempo do adolescente. As preocupações de ordem individual e a pressão dela decorrentes parecem ser muito mais decisivas que quaisquer anseios de natureza coletiva, corporificada, por exemplo, numa dada posição política.

Nessa inextricável rede de saber-poder (FOUCAULT, 2006c), o sujeito adolescente é constituído e representado na ficção de Brasiliense. Num miniconto intitulado *Grandes mudanças*, o ponto nevrálgico recobre as transformações advindas da adolescência na construção de uma imagem de si. Alguns trechos do miniconto comprovam nossas assertivas. Assim, a adolescente do sexo feminino admite: “Não sou nenhuma ignorante. Sabia que ia acontecer. Só não esperava que fosse tão cedo. Nem imaginava que assim já na primeira vez a coisa pudesse ser tão intensa. Agora sou uma mulher, uma mulher de verdade” (BRASILIANSE, 2007, p.17). A sensação de espanto da personagem acentua-se quando ela se dá conta de que “[...] de uma hora para outra deixei de ser menina e tenho que encarar grandes responsabilidades... Mas antes de tudo, pelo amor de Deus, um absorvente” (BRASILIANSE, 2007, p.17). O fechamento inesperado, num

tom humorístico, acaba por quebrar a atmosfera reflexiva até então predominante, haja vista que a necessidade de um absorvente transforma esse momento em algo banal. A primeira menstruação, nessa lógica, readquire seu *status* mais orgânico e biológico, de maneira a destituir-se do caráter sublima de outrora.

Para finalizar, vale destacar como o sujeito adolescente, na ficção de *Brasiliense*, é constituído por uma miríade de saberes e de posicionamentos sociais. O corpo e a identidade desse sujeito erigem-se a partir de uma série de práticas e condutas que definem os modos através dos quais esse sujeito se constitui na relação consigo mesmo e com os outros. Entrecruzando essa questão, temos, em todos os minicontos analisados, discursos sobre o adolescente e discursos que fazem falar esse sujeito. O discurso, parafraseando Foucault (2006a), tem o poder de deter a flecha já lançada em recuo do tempo que é seu espaço próprio.

REFERÊNCIAS

BRASILIENSE, L. *Adeus conto de fadas* (minicontos juvenis). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

CORBIN, A. Bastidores. In: PERROT, M. (Org.). *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. Denise Bottmann & Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CORTÀZAR, J. *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993.

COURTINE, J. J. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a.

_____. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

_____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria Emartina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. O pensamento do exterior. In: _____. *Estética: literatura, música e cinema*. Trad. Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2006a. (Coleção Ditos e Escritos, v. III).

_____. *A Hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca & Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

_____. Poder e Saber. In: _____. *Estratégia, poder, saber*. Trad. Vera Lúcia Aguillar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c. (Coleção Ditos e Escritos, v. IV).

_____. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

PAULINO, G. *Tipos de texto, modo de leitura*. Belo Horizonte Formato Editorial, 2001.

PIOVEZANI, C. Discursos sobre a voz de Lula na mídia brasileira, *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v.15, n.1, p.33-46, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v15n1/1518-7632-ld-15-01-00033.pdf>>. Acesso em: 22. dez. 2015.

SPALDING, M. *Alice no país do livro impresso ao e-book*: adaptação de Alice no país das maravilhas e de através do espelho para Ipad. 2012. 246 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

_____. Os cem menores contos brasileiro do século e a narratividade do microconto brasileiro contemporâneo, *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*, 2014. Disponível em: <<http://www.forumdeliteratura.com.br/ensaios/ensaios-12-edicao/211-os-cem-menores-contos-brasileiros-do-seculo-e-a-narratividade-no-microconto-brasileiro-contemporaneo>>. Acesso em: 22. dez. 2015.

VIGARELLO, G. *O limpo e o sujo*: uma história da higiene corporal. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996.